

O PRONATEC¹ COPA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO PARA O NOVO (E PRECÁRIO) MUNDO DO TRABALHO

Iara Saraiva Martins²

RESUMO

O presente artigo pretende expor de que forma o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (PRONATEC Copa) se insere no contexto da formação para o "novo (e precário) mundo do trabalho", expressão utilizada por Giovanni Alves (2005) para definir a atual forma de organização social do trabalho. Para tanto, também nos apoiaremos nas pesquisas de Ricardo Antunes (1995), Roberto Leher (1998) e outros pesquisadores que nos auxiliaram a perceber nosso objeto de estudo de maneira crítica. Dessa forma, pretendemos compreender como o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (PRONATEC Copa) se configura como uma das principais políticas educacionais com subsídios do Governo Federal e contribui para a subproletarização, heterogeneização e precarização do trabalho na atual fase do capitalismo.

Palavras-chave: PRONATEC. Trabalho. Educação.

1 O PRONATEC - COPA, CONTEXTO E DIRECIONAMENTO

Numa festa de rua a conheceu, para ela comprara numa quermesse um pequeno espelho e um pente vermelho, para ela tocara sua gaita mágica (...) traçara passos ágeis de capoeira, a navalha perigosa na mão, os chinelos arrancando chispas do chão. Juntos haviam passeado no cais, corrido pelas brancas praias ante o oceano solto, do outro lado da cidade, ido ao cinema assistir a filmes de cowboys. E, quando um dia ele propôs 'juntarem seus trapinhos com a autorização do doutor juiz de casamento', ela concordou risonha. Era arrumadeira num grande hotel da praia, onde se hospedavam os ricos nacionais e os gringos turistas vindos para os banhos de mar e para a roleta e o bacará. Jorge Amado - Os Subterrâneos da liberdade - A agonia da noite.

A epígrafe que escolhemos para introduzirmos as intenções deste artigo foi projetada pelo autor com o objetivo de relatar a processualidade das relações humanas diante de condições adversas que tendem a desumanizar o homem, e

¹ Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (2012.2)

onde ainda assim, podem se manifestar sentimentos opostos à lógica do sistema que nos engendra.

No caso, a trilogia "Os Subterrâneos da Liberdade", foi escrita para descrever o contexto da ditadura do Estado Novo na década de 1930. No entanto, os detalhes trazidos por Jorge Amado, não deixam de nos reportar ao contexto atual, para a realidade das periferias da cidade de Fortaleza, onde os "contos de fada" esbarram nas formas de sobrevivência precária, para as quais se exigem "qualificações técnicas".

O discurso de final de ano da presidente Dilma Rouseff, proferido em 23/12/12, trouxe a afirmação de que o Governo Federal vem realizando ações no sentido de aumentar a capacidade de competitividade de mercado do Brasil, com a principal finalidade de reduzir a pobreza no país.

A educação foi posta como patamar fundamental para se atingir esse objetivo, e o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (PRONATEC), citado como primeiro exemplo de como essas ações estão sendo concretizadas. Nesse mesmo discurso, o empresariado e as parcerias público-privadas foram conclamados, permeando a fala da presidente.

O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego se estabelece pela parceria entre a Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica e os Serviços Nacionais de Aprendizagem (Serviço Nacional da Indústria – SESI/ Serviço Social do Comércio – SESC/Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC), organizações mantidas pelas empresas e indústrias do país.

Outra característica importante do programa é o FIES Técnico, o programa de Financiamento Estudantil através do Estado, para o ensino técnico e profissionalizante nas Instituições Privadas que ofertam a modalidade de ensino³.

O PRONATEC é um programa que compõe o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que se justifica por ser um conjunto de programas que poderiam instrumentalizar as metas do Plano Nacional de Educação (PNE).

O PDE foi também denominado de "PAC da educação", em alusão ao Plano de Aceleração do Crescimento, assim como se manifesta em sintonia com o Plano de Metas Todos Pela Educação (SAVIANI, p.1231, 2007).

³ <http://pronatec.mec.gov.br/institucional/objetivos-e-iniciativas>. Acesso em: 29/11/2012 as 18:55.

Entre as razões e princípios estipulados para os programas que compõem o PDE, se define para o ensino profissionalizante, a oferta de cursos em consonância com "a consolidação e o fortalecimento dos arranjos produtivos locais" (PDE, 2007, p. 43).

O PRONATEC, criado em 2008, seguindo essas diretrizes impulsiona a atualização anual da oferta do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, de acordo com as mutações do mundo do trabalho, e se ramifica entre PRONATEC Brasil Sem Miséria e PRONATEC Copa, no qual buscaremos nos aprofundar.

O Brasil será o país sede dos jogos da Copa de 2014, assim como também sediará a Copa das Confederações em 2013 e os Jogos Olímpicos de 2016. A conjuntura dos megaeventos no Brasil revela que o processo de preparação das cidades sedes estão se caracterizando pelas remoções de comunidades próximas as obras para a Copa, e pelos gastos de verbas públicas que se relacionam com a infraestrutura, estes já ultrapassam mais 27, 4 bilhões, segundo o Tribunal de Contas da União⁴.

Nesse ínterim, no ano em que se intensificaram as propostas de mobilidade urbana, as estimativas de gastos voltados para os megaeventos subiram (2012), os trabalhadores de diversas categorias do serviço público se organizaram contra a precarização das condições de trabalho e por exigências salariais.

A Lei Geral da Copa⁵ tornará ilícita as atividades de comércio promovidas pela *classe que vive do trabalho*, mais especificamente as atividades desenvolvidas pelos vendedores ambulantes.

Em contrapartida, as inscrições para o voluntariado nesse evento multimilionário apontam para o trabalho de mais de dez horas diárias por pelo menos vinte dias⁶ durante o evento.

A relação entre educação e megaeventos ultrapassa a discussão sobre a falta de financiamento para a educação e exagero nos gastos com a Copa. A formação dos trabalhadores no contexto de reestruturação produtiva encontra nos megaeventos o pragmatismo necessário, a regulamentação através das parcerias

⁴<http://www.portal2014.org.br/noticias/10080/GASTOS+DA+COPA+SOBEM+E+CHEGAM+A+R+274+BILHOES+DIZ+TCU.html> Acesso em: 29/11/2012 as 14:30.

⁵http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/publicas/sobre-a-copa/biblioteca/pl_lei-geral-da-copa.pdf Acesso em: 29/11/2012 as 17:21.

⁶ <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/estao-abertas-inscricoes-para-programa-de-voluntarios-da-copado-mundo-da-fifa-2014> Acesso em: 29/11/2012 as 17:59

entre Estado e empresariado, desembocando em um emprego temporário e precarizado.

A oferta de cursos pelo PRONATEC se apresenta dividida por Eixos Tecnológicos: Controle e Processos Industriais, Ambiente e Saúde, Desenvolvimento Educacional e Social, Gestão e Negócios, Produção Cultural e Design, entre outros eixos.

No caso do PRONATEC Copa, os cursos de Técnico em Estética, Técnico em Massoterapia, Técnico em Serviço de Restaurante e Bar, Técnico em Guia de Turismo, Técnico em Agenciamento de Viagens, Técnico em Cozinha, Técnico em Eventos, Técnico em Hospedagem e Técnico em Lazer, apresentam algumas das formações anunciadas.

Diante da conjuntura brevemente exposta, pretendemos responder algumas questões pertinentes ao aprofundamento das pesquisas sobre a formação para a classe trabalhadora diante das mutações do capitalismo: De que forma a classe trabalhadora se heterogeneiza, se subproletariza, caracterizando o "novo (e precário) mundo do trabalho"? Em que pilares se sustenta o PRONATEC Copa, e de que forma ele corrobora com a formação da nova (e precária) força de trabalho? De que modo se apresentam as intenções de interferências na esfera da subjetividade, através dos conteúdos e didática nos cursos do PRONATEC Copa? No entanto, todas essas questões infelizmente ainda não poderão ser esgotadas neste artigo.

2 “O NOVO (E PRECÁRIO) MUNDO DO TRABALHO”

A partir dos anos de 1970, o modo de produção capitalista projeta uma série de estratégias com a finalidade de se restabelecer diante da crise que, nesse período, se evidencia e atinge sua composição. Tal crise se caracteriza por acarretar profundas transformações sócio-históricas.

Nessa direção, intensificam-se e modificam-se as formas de subordinação do trabalho ao capital, que são reveladas pela flexibilização das relações de produção sob a égide do toyotismo. A crise evidenciou o padrão de acumulação fordista como um elemento a ser superado pela acumulação flexível, uma das esferas que orientam o processo de reestruturação produtiva do capitalismo.

Entre as estratégias de recomposição do capitalismo como: a "produção limpa", a automação dos espaços fabris e a expansão do setor de serviços, nota-se que todas apontam para a diminuição da classe operária tradicional. Dessa forma, a classe trabalhadora atualmente não se restringe ao proletariado fabril e aos trabalhadores manuais, mas "incorpora a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vendem a sua força de trabalho" (ANTUNES e ALVES, 2004, p. 342)⁷.

Essa totalidade de assalariados que vendem a sua força de trabalho se insere nos empregos terceirizados, subproletarizados e temporários, compondo o que Giovanni Alves denominou de "o novo (e precário) mundo do trabalho" (2005). Para as novas configurações do mundo do trabalho, onde o toyotismo é o complexo dominante, é necessário que exista um trabalhador multifuncional ao invés daquele que cumpria funções especializadas.

Diante desse novo contexto, a educação, categoria cortada pelas relações capitalistas em que a nossa sociedade se insere, passa a cumprir a agenda dos organismos multilaterais, entre os principais, o Banco Mundial.

Para os países periféricos são desenvolvidos planos ancorados nas releituras da Teoria do Capital Humano. A Conferência Mundial de Educação Para Todos, realizada na década de 1990 reuniu empresários e setores governamentais dos países considerados periféricos ou em desenvolvimento.

Dessa conferência surge como produto a necessidade de adaptação e reprodução do neoliberalismo, a Declaração Mundial de Educação para Todos (EPT) que é um plano decenal que traça uma série de compromissos que os países pobres devem empreender para entrar em uma lógica de mercado coerente com as necessidades de reestruturação produtiva.

A principal argumentação para a formulação das metas é a de que a educação, enquadrada nos critérios que desenvolvam competências e habilidades para que os indivíduos se adaptem as novas configurações sociais, seja capaz de reduzir a pobreza nos países conferencistas (LEHER, 1988). No Brasil o "Compromisso Todos pela Educação" é firmado entre o Estado e empresas multimilionárias, como Gerdau, Fundação Roberto Marinho, General Motors, entre outras.

⁷ As Mutações do Mundo do Trabalho na Era da Mundialização do Capital. Ricardo Antunes e Giovanni Alves. Educação e Sociedade, Campinas, Vol. 25, n.87. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, de 1996, afirma que o Plano Nacional de Educação (PNE), deve ser coerente com a Declaração da EPT. A partir do Plano Nacional de Educação, mas com outras especificidades, se organiza o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), e este último abarca o PRONATEC Copa. Dessa forma, conseguimos visualizar em linhas gerais, de que forma se estrutura social e historicamente nosso objeto de estudo.

Compreendemos que existe uma vasta produção bibliográfica que disserta sobre os aspectos conceituais do ensino técnico e profissionalizante no Brasil, desde os seus desdobramentos históricos até as questões atuais que regem o Ensino Médio Integrado e profissionalizante. No entanto, é importante que essa produção se expanda, no sentido de apontar de que forma se atualizam as relações entre capital, trabalho e educação.

3 O PAPEL QUE O PRONATEC COPA OCUPA NAS CONFIGURAÇÕES ATUAIS DO TRABALHO

3.1 Conclusões preliminares

“O novo (e precário) mundo do trabalho”, se constitui por uma parcela de trabalhadores que não se restringe ao proletariado fabril, tomado como operariado clássico. As novas configurações do mundo do trabalho abarcam os trabalhadores terceirizados, subcontratados, temporários e desempregados.

Há divergências entre alguns teóricos da Sociologia do Trabalho sobre qual a melhor denominação para abordar essa nova parcela da classe trabalhadora. Ricardo Antunes (2011), os denomina “*subproletariado*”, com a finalidade de abranger todos os precarizados modernos, em oposição ao conceito de “*Proletariado Pós-Industrial*”, defendido pelos teóricos do fim do trabalho, como André Gorz, Robert Kurz e Klaus Offe. Para Antunes, as transformações e metamorfoses do capitalismo proporcionaram a diminuição do operariado fabril e sua consequente migração para o setor de serviços.

No entanto, o aumento significativo no setor de distribuição de mercadorias ainda significa dependência com relação aos setores de produção destas. O

trabalho nas grandes indústrias e fábricas não se extingue, ainda que exista uma drástica diminuição de trabalho vivo nesses setores, “o trabalhador ainda supervisiona os processos produtivos em máquinas computadorizadas” (ANTUNES, 2005, p.56).

Outra conceituação que designa os trabalhadores do “novo (e precário) mundo do trabalho” parte do sociólogo Ruy Braga, que em seu recente estudo: “A Política do Precariado - Do Populismo a Hegemonia Lulista” (2012, Boitempo Editorial), define como “*precariado*” as camadas de trabalhadores pauperizados, em oposição a definição de subproletariado apresentada pelo economista e sociólogo Paul Singer e desenvolvida posteriormente por André Singer, por eles considerada como “*população estagnada*”, uma vez que em sua perspectivas, não possuiriam condições para reivindicações coletivas.

Ricardo Antunes (2011) divide a periferia da força de trabalho em dois subgrupos: os empregados de tempo integral, que se caracterizam pelo trabalho manual pouco especializado e rotineiro, como secretários ou empregados do setor financeiro.

No segundo subgrupo apresenta empregados em tempo determinado, temporários, empregados casuais e “pessoal com subcontratação e treinados com subsídio público” (ANTUNES, 2011, p. 58). E é para o segundo subgrupo da periferia da força de trabalho que se direcionam as formações oferecidas pelo PRONATEC Copa.

Demerval Saviani em “História das ideias pedagógicas no Brasil (2010, Autores Associados), aponta o papel histórico dos Sistemas Nacionais de Aprendizagem na formação da mão de obra para diferentes fases do capitalismo no Brasil, compreendendo o ensino pragmático e direcionado para os filhos da classe trabalhadora.

Os percursos históricos do ensino técnico e profissionalizante no Brasil são bem definidos pelas contribuições de Acácia Kuenzer em seus estudos introdutórios sobre as relações entre trabalho e educação no Brasil (1991), essenciais para que possamos apreender os direcionamentos do tecnicismo no país.

Kuenzer, já nos oferece indícios de que tradicionalmente a separação entre o trabalho manual e trabalho intelectual, foi propiciada pelo advento da propriedade privada e pela divisão da sociedade entre classes. Ao que é posto, às classes

proprietárias são destinadas uma educação voltada para o desenvolvimento de habilidades intelectuais, como a oratória e ciências que possibilitariam a permanência nos postos de comando, e a classe dominada recebe uma educação que favoreça a reprodução de sua força de trabalho, de acordo com as novas necessidades de mercado.

Preliminarmente, ancorados em Kuenzer e Saviani, podemos ter a compreensão de que uma parcela da sociedade (a maior parte dela), não tem acesso aos conhecimentos historicamente produzidos pelo conjunto da humanidade, através da produção da existência. O ensino técnico aliado às condições de reprodução do capital não se vincula ao trabalho como atividade potencializadora das liberdades humanas.

O PRONATEC Copa se insere em mais uma articulação que afasta a classe trabalhadora do conhecimento historicamente sistematizado pelo coletivo dos homens. A oferta de educação para a classe trabalhadora está sempre inserida nos arranjos produtivos do capital, e vem se adequando e se expandindo através da promessa de "qualificação" para um novo mercado de trabalho, dinâmico e com trabalhadores multifuncionais.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovanni. **O Novo e (Precário) Mundo do Trabalho**. 4º ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **Trabalho e mundialização do capital** - a nova degradação do trabalho na era da globalização. São Paulo: Editora Praxis, 1999.

ALVES, Giovanni e ANTUNES, Ricardo. **As Mutações do Mundo do Trabalho na Era da Mundialização do Capital**. Educação e Sociedade, Campinas, Vol. 25, n.87. 2004. Disponível em :<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995

_____. **Os Sentidos do Trabalho** – Ensaio Sobre a Afirmação e Negação do Trabalho. 3. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

BRAGA, Ruy. **A Política do Precariado-** Do Populismo a Hegemonia Lulista. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Pedagogia da Fábrica**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

_____. **Educação e trabalho no Brasil**. Brasília: INEP, 1991. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. <<http://pt.scribd.com/doc/62559641/LDB-5%C2%AA-EDICAO>>.

LEHER, Roberto. **Do desenvolvimento à ideologia da globalização**. SP: USP, 1998. (Tese de doutorado).

SANTOS, Derivaldo. **Graduação Tecnológica no Brasil: Aproximações críticas preliminares**. 1 ed. Editora CRV.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias Pedagógicas no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Autores Associados, 2010.

_____. **Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação**. São Paulo: Autores Associados, 2000.
_____. **Escola e democracia**. 33.ª ed. revisada. Campinas: Autores Associados, 2000.